



## **A construção midiática da identidade islâmica no pós- 11/09: Demonização de uma civilização e apagamento da memória histórica mundial.<sup>1</sup>**

Julia Nader Dietrich - Orientador: José Luiz Aidar Prado  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo<sup>2</sup>

### **Resumo**

Como parte do projeto “A invenção do Outro na mídia semanal (construção hipermediática)”, este trabalho concentrou-se nas edições das revistas semanais *Veja*, *Época*, *Istoé* e *CartaCapital*, subseqüentes aos atentados de 11/09 em Nova Iorque, visando compreender, de acordo com a metodologia de teoria semiótica quais suas estratégias discursivas na construção do Outro islâmico. Para tanto, foram incorporadas vozes de especialistas que não fazem parte da gama de fontes por elas (as revistas) utilizadas que introduzissem novas visões sobre a cobertura midiática do fato histórico provavelmente mais importante da última década, na tentativa de, posteriormente desenvolver um espaço crítico de educação para a mídia.

**Palavras-chave:**Revistas semanais; Oriente; 11 de Setembro

Os atentados ao centro econômico World Trade Center e Pentágono, marcas simbólicas respectivamente do poderio econômico e do imperialismo norte-americano, realizado pelo grupo saudita Al Qaeda provocaram uma reação explosiva e imediata da mídia internacional, bem como da mídia brasileira, fazendo com que suas principais revistas semanais, *Veja*, *Istoé* e *Época*, apresentassem edições especiais sobre o incidente.

Essa pesquisa integra o projeto “A invenção do Outro na mídia semanal (construção hipermediática)”, que tem por objetivo o mapeamento e a análise temática das reportagens das principais revistas semanais (*Veja*, *Istoé*, *Época* e *Carta Capital*); concentrar-nos-emos nas edições subseqüentes aos atentados de 11 de Setembro, em Nova Iorque, a fim de identificar como a mídia construiu o mundo árabe e a religião islâmica como Outros.

Para tanto, foram selecionadas duas<sup>3</sup> edições especiais da revista *Veja*, uma da revista *Istoé*, uma revista *Época* e uma da revista *Carta Capital*. Com o objetivo de compreender as estratégias discursivas desses veículos, foram incorporadas vozes de especialistas – que não fazem parte das fontes selecionadas pela mídia semanal – que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Júnior.

<sup>2</sup> Estudante do quarto ano de jornalismo na PUC-SP; bolsista de iniciação científica pelo CNPq no projeto do Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado. – Endereço eletrônico: juliadietrich@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Foram escolhidas duas edições da revista *Veja* porque ambas continham importante material de análise e ela foi o veículo que deu mais atenção (tanto em número de reportagens, quanto em criação de gráficos e material imagético) aos atentados de 11/09/01.

introduzissem, guiados por um questionário desenvolvido no projeto – novas opiniões e questionamentos sobre a cobertura dos atentados de 11 de Setembro, na tentativa de, posteriormente, criar um espaço de educação para a mídia a partir dessas temáticas.

### *Mundo islâmico*

A expressão “mundo islâmico” se refere à religião muçulmana, que reúne entre 900 milhões a 1,3 bilhões de crentes<sup>i</sup>, dos quais apenas 18% vive nas regiões árabes; é na França que está a maior comunidade islâmica da Europa Ocidental (cerca de 8% da população). O islamismo, aportuguesamento de *islam*, que em árabe significa “submissão à vontade de Deus”, surgiu na Península Ibérica no século VII com os ensinamentos do profeta Muhammad, depois inscritos na escritura sagrada, o Alcorão.

### *Capa da revista Veja de 19 de Setembro de 2001*

A capa da revista *Veja* de 19 de Setembro de 2001 apresenta uma imagem do foco da explosão ao prédio das Torres Gêmeas, com a manchete “O Império Vulnerável”. A predominância das cores vermelha, laranja e preta na imagem, bem como na diagramação da capa, não só indicam a característica violenta do atentado, mas intensificam o momento de “tempo parado”, protagonizado nas reportagens pela idéia de imobilidade histórica (o mundo dividido em antes e depois dos atentados), apoiado na teoria de Samuel Huntington, do “choque das civilizações”.



De acordo com o pesquisador Luciano Guimarães, a predominância do vermelho é em “grande parte uma conotação direta com a violência.” O vermelho, quando escurecido ou colocado junto ao preto, “torna-se (o sentido semântico) negativo, pois se aproxima da idéia de sangue derramado.” (GUIMARÃES,2001,129).

“Mesmo que escondida no conjunto que é recebido quando se vê ou se lê uma capa da revista, a cor contribui na formação da informação<sup>ii</sup> e, muitas vezes, é ela que organiza ou contextualiza o conjunto ou cria a predisposição do leitor para receber aquele exato conteúdo.”<sup>iii</sup>

A capa apresentou também uma espécie de “orelha” sobreposta, trazendo as seguintes manchetes: “Os americanos prometem acabar com os países que abrigam terroristas”, “A perícia dos pilotos suicidas”, “Ocidente X Oriente”, “A cultura do apocalipse entre os americanos”, “As raízes do terrorismo islâmico” e “O medo da recessão mundial”.



Podemos observar que essas chamadas de ordem iconizam<sup>4</sup> (BARROS,2003,87) a imagem representada, adicionando ao imaginário do leitor uma dose de medo, construindo uma realidade de um grupo com atuações experientes, exatas (“perícia”) que surge para dividir o mundo em dois (“Ocidente X Oriente”).

O percurso narrativo nas reportagens correspondentes se apropria de chavões e análises preconceituosas do mundo árabe e do chamado terror islâmico. Há uma forte figurativização do árabe como o Outro nocivo, apropriando-se de clichês para justificar como a civilização árabe é atrasada e logo, como é lá que habita o terror, personificado como entidade concreta que está à espreita, imbricando-se nos países ocidentais, ameaçando não só sua cultura, bem como a sua existência como nação.

As manchetes conduzem o leitor diretamente para a imagem, confirmando a idéia de que após 11 de Setembro as relações políticas globais irão se transformar, um novo mundo irá se construir; entretanto, as reportagens da revista *Veja* vão além, construindo, no novo conflito geopolítico que se estabelece, uma diferenciação entre os povos envolvidos nesses acontecimentos históricos, insistindo na figurativização do oriente como um objeto estranho ao ocidente.

#### *Reportagens da Veja de 19 de Setembro de 2001*

A seqüência de reportagens da edição especial é aberta por duas páginas dominadas por uma imagem panorâmica da cidade de Nova Iorque, ainda com as Torres Gêmeas, introduzindo a manchete em letras capitais “este mundo nunca mais será o mesmo” e o chapéu<sup>5</sup>, também em letras capitais “Nova York, 8h48, terça-feira, 11 de Setembro de 2001.” A legenda impressa no canto esquerdo da segunda página esboça um convite para que o leitor ingresse na descoberta de “como o terror será combatido”, estratégia bastante presente nas reportagens. Há uma narrativa muito sedutora, ao modo de uma história de detetives, em que se constrói a descoberta precisa de como foram realizados os atentados, com personagens “bons e os maus”, os que foram atingidos, suas lágrimas, etc.

A extensa apresentação de fotografias que vão do “mau” Bin Laden, ao povo sofredor, “americanos chorando”, à “Nova Iorque devastada na ausência das torres” contribuem para essa atmosfera literária, chamada pelo historiador entrevistado de “thriller jornalístico”. A revista inicia seu percurso narrativo afirmando o ingresso do

---

<sup>4</sup> Barros, Diana Luz P. In. *Teoria Semiótica do Texto*, p.87:

“Iconização: é o investimento figurativo exaustivo da última fase do procedimento de figurativização, com o objetivo de produzir ilusão referencial ou de realidade.”

<sup>5</sup> Chapéu: palavra do jargão jornalístico que corresponde ao subtítulo ou “sub-manchete” da reportagem.



leitor num processo investigativo para tentar descobrir como foram realizados os atentados, seguindo com duas páginas de infográficos intitulados “O terror ataca – como os fanáticos destruíram os prédios mais altos de Nova York atirando dois Boeing de passageiros (...) na mais ousada operação extremista de todos os tempos”, descrevendo metódica e cronologicamente a atividade dos pilotos: “8h48. O avião da American Airlines atinge o prédio 1WTC, entre o 96° e 103° andar. O impacto do choque do avião é pelo menos 1000 vezes o peso do avião.”

São apresentados nas páginas seguintes os personagens e seus cenários (“Inimigo número 1 da América”, “Assassinato em nome de Alá”). Entretanto, não há uma apresentação histórica das ações de Osama Bin Laden, o “inimigo número 1 da América”; seu financiamento e sua anterior relação de proximidade com a potência norte-americana não são informados e debatidos. O cenário do fundamentalismo islâmico é narrado por afirmações que constroem uma grande generalização de que todos os árabes são islâmicos, todos os islâmicos são fundamentalistas e logo, o Oriente repressor (imagens da mulher de véu) é fundamentalista e terrorista. (ver item *imagens recorrentes*.)

Na página 83 da reportagem, o enunciador de *Veja* afirma que

“não há como negar que a religião também funciona como instrumento de afirmação da identidade nacional (...) As potências ocidentais não trilham sua trajetória segundo parâmetros da *Bíblia*, da fé cristã, dos ensinamentos de Jesus, mas, mesmo assim, elas acabam por se contrapor, culturalmente aos países muçulmanos, muitos dos quais se pautam pelo *Corão*, pela fé islâmica, pelos ensinamentos de Maomé.”

Para *Veja*, a origem do terrorismo islâmico está no choque cultural, apresentado inúmeras vezes nas páginas seguintes com imagens da mulher reprimida, do fanatismo religioso e de grupos e associações antiamericanas. Estas associações são caracterizadas na página 84 da edição com um comentário irônico: “até o grego Eurípides, dez séculos antes de Maomé, já alertava contra invocar os deuses para a guerra.”<sup>iv</sup> A concepção da origem do conflito para a revista é construída a partir da teoria de Samuel Huntington sobre o choque civilizacional provocado por duas culturas opostas:

“Os Estados nacionais permanecerão como os atores mais poderosos no cenário mundial, mas os principais conflitos globais ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações’, aposta o professor Samuel P. Huntington, especialistas da Universidade Harvard e autor de um livro sobre o assunto.”<sup>v</sup>

Para Huntington, existe uma disputa cultural entre as nações ocidentais e orientais que resulta em formações político-ideológicas e regimes de Estado distintos. É importante observar que essa teoria, sustentada e propagada pelo governo norte-americano, é o principal estandarte em que se apóiam as invasões belicistas e guerras aos países árabes e persas (realizadas anteriormente aos atentados de 11 de Setembro.)

Para o jornalista entrevistado José Arbex Jr., a teoria de Huntington interessa à Casa Branca por focalizar a idéia de que “o problema da violência, do terror, é um problema cultural ou religioso”, deixando de ressaltar que “o problema da violência está vinculado a uma estrutura política mundial, à geopolítica do petróleo, à economia, à miséria que uma parte do planeta sofre devido à economia neoliberal, enfim, está vinculado a uma série de fatores que não tem nenhuma relação com a cultura ou religião de determinadas civilizações.” Dessa forma, a revista *Veja* naturaliza a violência, transformando-a em paixão inerente à cultura de um povo. Huntington cria, ao conceber a esfera geopolítica mundial como dois pólos em contraste, um recorte ideológico que, para o historiador Cytrynowicz, está longe de ser inofensivo ou ingênuo. Para ele:

“É como olhar o mundo do ponto de vista da Idade Média e chamar os povos de bárbaros. Quem eram os povos bárbaros e invasores? Eram povos que não eram ainda cristãos. Essas divisões de categorias têm sempre essa idéia que nós vivemos numa cidadela que está sendo ameaçada e que pode ser invadida e, portanto, temos de preservar nossos valores, nosso padrão de vida. Esse é o discurso de toda a direita, extrema direita e dos fascistas, que criam a mitologia de uma ancestralidade que vive num certo lugar, com uma certa unidade hostilizada, invadida e que deve ser defendida.”<sup>vi</sup>

*Veja de 26 de Setembro de 2001*

Seguindo o mesmo paradigma, a revista *Veja* de 26 de Setembro de 2001, apresenta a capa ilustrada por um helicóptero ascendendo sob o horizonte marcado pelas cores características do alvorecer, como o laranja e o amarelo, cuja manchete “Guerra ao terror” se funde com a própria imagem, nos mesmos tons laranja e amarelo, intensificados e mais ‘explosivos’.

Primeiramente é importante definir que a palavra Guerra não se aplicaria ao contexto, pois “guerra” implica que uma soberania entre em disputa com outra soberania, e no caso, o terrorismo, mesmo que naturalizado em uma “entidade viva”, ainda assim não pode ser combatido com uma guerra; e, mais ainda, seu grupo idealizador não representa uma soberania, ou na linguagem jurídica, um país, uma fronteira, uma província.

Novamente, as cores da capa intensificam a compreensão do sentido semântico proposto pela imagem do alvorecer, do novo dia e seu rompimento, por um helicóptero que surge para sustentar o estandarte da própria manchete, sugerindo uma promessa de vingança. Luciano Guimarães afirma que a compreensão do significado das cores está diretamente ligada ao seu meio cultural e ao seu conjunto histórico semântico, àquilo que está previamente ligado e então, expresso no imaginário coletivo de uma sociedade, ou no caso, do leitor.(GUIMARAES,2003,126).

Dessa forma, é possível inferir que a presença das cores laranja e amarelo remete à própria construção do oriente árabe – o deserto, a areia, o solo e o sol pautados na predominância das cores quentes, associadas, indiretamente ao vermelho, a cor passional. E esse mesmo oriente figurativo é rompido pela imagem do helicóptero (cinza-grafite brilhante) que surge no sentido de uma ameaça, um índice da vingança e de força, como parte do contexto de “entrada”, de colonização da imagem que se insere na própria promessa de vingança colocada pelo governo norte-americano; a guerra, a vingança, surgirá como uma força que romperá as fronteiras desse oriente hostil, interpelando esse outro nocivo que trouxe o terror para o país.



Para Guimarães, o amarelo, compreendido no imaginário social, representa a luz, os raios solares. No contexto em que a capa da revista se insere, percebe-se que a luz que vem salvaguardada pelo helicóptero rompe as fronteiras, purificando o mundo do terror, proposta presente no discurso apresentado nos cinco “chapéus” expressos logo abaixo da promessa de “Guerra ao terror”. São eles: “George W. Bush: ‘cada país tem uma decisão a tomar. Ou está do nosso lado ou está do lado dos terroristas’; As ações de Osama bin Laden foram descritas em livros e artigos. Mas a CIA não agiu; A rede mundial de apoio ao terrorismo islâmico se estende por dezenas de países; O Afeganistão, que já derrotou ingleses e russos, é um país arrasado. Fora terroristas, lá não existem alvos para destruir; Os EUA restringem garantias individuais e aceitam guerra suja na espionagem para combater o terror.”

Inicialmente, o percurso narrativo é aberto por uma ameaça, personificada na voz do presidente norte-americano (‘cada país tem uma decisão a tomar’), seguida por uma discussão proposta pelo enunciatador sobre a incompetência da Central de Inteligência do país (“Mas a CIA não agiu”) e por seu aviso da expansão do terrorismo (“A rede mundial... se estende por dezenas de países”).

Com a ameaça de que o mundo deve se aliar aos Estados Unidos, afirmada pelo presidente Bush e protagonizada<sup>6</sup> pela revista, o leitor é convidado a deixar de ser um espectador e a aliar-se ao processo de retaliação do governo norte-americano, colocando-o como aquele atingido diretamente pelo ataque às duas torres. Posição semelhante pode ser observada na revista *Época* (17/09/01, ps.96 a 101), em que são identificados brasileiros que presenciaram ou que foram mortos no conflito e na *Istoé* (19/09/01, p.44), que afirma que uma rede terrorista em expansão chega ao Brasil.

É interessante observar que *Veja* seleciona dentre as manchetes a menção sobre o Afeganistão, ponte lógica com as descobertas dos responsáveis pelo atentado. Há um condensado de informações logo no chapéu: “o Afeganistão, que já derrotou ingleses e russos, é um país arrasado.” O enunciador, novamente, introduz o assunto sem se utilizar do conhecimento da história; o Afeganistão é colocado em manchete num ato terrorista até então realizado por sauditas. Essa generalização de etnias e povos que coabitam o Oriente é preocupante e preconceituosa. De acordo com o jornalista José Tadeu Arantes o alheamento à origem do Islã como religião e a separação dela em relação aos países que a adotam é uma perigosa fonte de mal-entendidos. Para ele, “a raiz do ódio é o medo e a raiz do medo é a ignorância.” (ARANTES,2005,9)

Para o leitor que desconhece o assunto e que nem sempre lê toda a revista, essa afirmação da capa não o instiga a conhecer o povo afegão e sua cultura, pois “fora terroristas, lá não existe nada para destruir.” A cultura afegã, quando mencionada, diz respeito ao condensado de imagens de uma micro-parcela da população que está ligada às organizações fundamentalistas. É a teoria do choque de civilizações que carrega a mão do enunciador, para quem o oriente é um bloco civilizatório em disputa com o ocidente e não uma multiplicidade complexa de culturas. A revista *Veja*, produto de um país igualmente em desenvolvimento não observa as semelhanças que unem as nações árabes e a brasileira e reafirma a “posição de alinhamento ao governo norte-americano.”<sup>vii</sup> Mesmo quando explicado o porquê da menção ao Afeganistão, o texto do enunciador é bastante confuso, reafirmando que o saudita Bin Laden se esconde num país arrasado que não tem “rostro”, e portanto, há quase uma autorização (do enunciador) para que o bombardeie.

### *Enunciador-leitor*

---

<sup>6</sup> A revista, ao selecionar em primeiro plano a frase de Bush, automaticamente lhe confere importância, e grifa seu discurso ideológico, característico de uma ameaça; ou está do nosso lado, ou é inimigo.



Para Cytrynowicz a relação enunciador-leitor na revista *Veja* se dá por meio de imagens, “com ilustrações polarizadas, maniqueístas e simplificadoras.”<sup>viii</sup> Arbex afirma que o discurso da revista resulta maniqueísta, assumindo “o papel de consciência do leitor. Ela explica ao leitor o que deve ser feito, quais são os próximos passos para se resolver o problema.” Quando o enunciador da revista afirma ao leitor que uma “guerra ao terror” está surgindo, seguida da mensagem ameaçadora do presidente Bush, ela está fazendo um convite de alinhamento ideológico.

Para os três entrevistados, na cobertura dos atentados, não foram observadas diferenças significativas entre as revistas *Veja*, *Época* e *Istoé*, mas todos afirmaram que existe um maior fervor ideológico<sup>7</sup> no discurso da revista *Veja* ao propor um alinhamento com os Estados Unidos.

O pesquisador José Luiz Aidar Prado afirma, em seu texto “A construção semiótica da violência em *Veja*: Por uma ética da não fidelidade do leitor”, as narrativas do jornalismo da *Veja*, são propagadas por um enunciador em terceira pessoa, que mede a sociedade e constrói seu parecer:

“Em *Veja* não se examina o problema de dentro, mas de cima, ao modo de uma instância moral/moralizadora, que estabelece um fechamento discursivo sem lugar para a interatividade do leitor. (...) O enunciatário construído por *Veja* é quase um ressentido, que não investe na replanificação de uma sociedade construída sobre a alegria e o desejo.”<sup>ix</sup>

A utilização da terceira pessoa como porta-voz do discurso é, um recurso utilizado na ‘criação’, ou no emprego de uma objetividade que “finge” um distanciamento da enunciação e ao mesmo tempo lhe confere um efeito de “verdade objetiva” baseada na premissa da investigação jornalística (BARROS, 2003, 55).

É essa objetividade e essa imparcialidade que conferem ao discurso um *status* de proximidade com o leitor, que compreende a informação como absoluta em si mesma. O leitor admite uma relação de crença na opinião, ou no recorte ideológico “disfarçado” pelo emprego do discurso jornalístico de apresentação factual. A partir do momento que o discurso se apresenta como jornalístico, lhe é atribuído o conceito de verdadeiro, fruto de um processo investigativo; porém, há claramente um recorte ideológico desde o processo investigativo que seleciona as fontes de informação sem trazer as vozes do Outro, até o momento em que o texto é escrito.

*Revista Época de 17 de Setembro de 2001*

---

<sup>7</sup> No contexto das reportagens analisadas, por fervor ideológico podemos entender que existe uma intenção maior no discurso de convencimento do leitor; há uma maior insistência nos recursos lingüísticos do discurso – adjetivação, condensação de imagens; chamadas de ordem, colocando o ideário norte-americano de democracia e liberdade como objeto-valor (BARROS, 2003, 88) do leitor, justificando, por exemplo as medidas anunciadas por Bush.

Ainda na linha “pregatória”<sup>8</sup> da revista *Veja*, a capa da edição especial da *Época* de 17 de Setembro de 2001, é ilustrada pela imagem de três bombeiros norte-americanos retirando a bandeira do país sob os escombros do WTC, estampando a manchete “Guerra contra o terror” em letras capitais.

A imagem apresenta uma leitura ambígua; ao mesmo tempo que o leitor poderia observar a bandeira sendo retirada, indicando “a queda do império”, há a possível leitura da da guerra.” É interessante observar o paralelo de ambas as leituras com o olho da manchete de capa “O mundo depois dos atentados nos EUA”, e ainda com a legenda da fotografia “Escombros do World Trade Center na terça-feira 11”.



O uso da imagem da bandeira pode ser visto paralelamente ao da imagem do helicóptero na capa de *Veja* de 26 de Setembro de 2001. A imagem do helicóptero afirma a estratégia ofensiva que o país iniciará e a da bandeira surge como uma proposta de recobrada de ânimo da população, um pedido para que ela se identifique com o ideal de vingança – funcionando como a famosa imagem do “Tio Sam” tanto utilizada para recrutar homens para a guerra. Em ambas, a palavra “Guerra” sobressai e o símbolo de força (bandeira, helicóptero) tem posição de destaque, introduzindo o leitor no que seria a segunda parte dos atentados, a vez da atuação dos Estados Unidos.

Entretanto, as cores utilizadas e a diagramação da capa são menos passionais do que ambas as edições selecionadas da *Veja*; não há relevante uso do vermelho ou do laranja e a fotografia que não sofre nenhuma montagem significativa ocupa a posição central, enquanto tanto a foto do helicóptero quanto da explosão das torres (ambas com efeitos de montagem e alteradas por computador<sup>x</sup>) aparecem em destaque sobre um fundo monocolor.

### *Apagamento da memória*

Para o jornalista Arbex Jr., nas três principais revistas semanais brasileiras (*Veja*, *Época* e *Istoé*), bem como na mídia mundial, insistiu-se na frase como um mecanismo de consenso: “11 de setembro foi o pior atentado da história”, protagonizada diversas vezes nas manchetes das reportagens selecionadas, bem como nas vozes dos entrevistados pelas revistas:

---

<sup>8</sup> O termo “pregatória” foi utilizado para caracterizar a posição passional que a revista exerce em chamar o leitor para uma posição de alinhamento no caso, ao governo norte-americano.

“É uma relação que é criada na cabeça do leitor, cuja base fundamental é a eliminação do contexto histórico, da memória histórica. É, simplesmente, apresentar os fatos como se eles fossem chapados, sem gênese, sem uma origem, sem um desenvolvimento e sem uma lógica interna.”<sup>xi</sup>

Ainda para o jornalista, não investigar a gênese histórica do conflito, é identificar as civilizações árabes e islâmicas como protagonistas do terror, ou como se o terror fosse algo naturalizado, inerente a elas:

“Essa frase apaga a existência de Hiroshima e Nagasaki, um atentado que matou 140 mil pessoas em dois segundos. Apaga as toneladas de bombas enviadas pelo Henry Kissinger no Laos, no Camboja e no Vietnã, destruindo pelo menos dois e meio milhões de seres humanos. Isso não é terrorismo de Estado? E o fato de que a humanidade, durante 50 anos, durante todo o período da Guerra Fria viveu sob a ameaça terrorista do holocausto nuclear, criando uma cultura do terrorismo?”<sup>xii</sup>

*Revista Istoé 19 de Setembro de 2001*

Seguindo essa estratégia discursiva, a revista *Istoé* de 19 de Setembro de 2001 traz provavelmente a mais polêmica das capas entre as selecionadas.

Novamente, observamos a presença do vermelho indicando o tema da violência e a sua “vinculação com os elementos naturais e primordiais sangue e fogo” (GUIMARAES, 2003,129). Esses signos, componentes do imaginário, são intensificados pela própria montagem da capa; fantasmagóricas, Saddam Hussein e Osama bin Laden, no céu de Nova Iorque, sem um de seus principais símbolos – as torres; a manchete paira sobre as cabeças dos dois: “Os EUA preparam a hora da vingança” grafadas em branco e amarelo. A cor amarela, quando escurecida, remete à biliar, à doença e “não por acaso, muitas das reportagens usam metáforas médicas para falar do terrorismo – um câncer que deve ser extirpado por medidas cirúrgicas, tratando o terror como uma questão biológica.”<sup>xiii</sup>



Enquanto a presença da cor amarela, voltada para o dourado, figurativizava o sol da vingança no amanhecer de *Veja*, nesse caso ela se apresenta como uma outra versão, de algo necessariamente ruim, algo em falência, lembrando que a leitura e a compreensão das cores estão diretamente ligadas com o conteúdo em que se inserem e com o discurso em que se apresentam.

A segunda manchete apresenta Saddam Hussein como suspeito de ter fornecido apoio logístico na construção dos atentados, novamente generalizando etnias, povos e

sistemas políticos; no caso, o saudita Osama e o persa Saddam. Repletas de imagens, as matérias da *Istoé* trazem textos abundantes em metáforas e analogias de histórias em quadrinhos e filmes de suspense; “Preparar mísseis”; “Escudo nas estrelas”, seguindo o percurso de thriller jornalístico; há um certo apelo ao fascínio produzido por essas imagens de combatentes da liberdade norte-americana, ideário (bastante presente na história e na formação do país) abraçado pelas revistas selecionadas.

Nesse rumo, *Veja* e *Istoé* utilizam dois símbolos comuns à esquerda, demonizando-os e associando-os ao fundamentalismo da extrema direita islâmica, como, por exemplo “Uma internacional terrorista?” (*Istoé*) e “O Che Guevara do Islã” (*Veja*).

Para Cytrynowicz, essa associação é um condensado de imagens impressionante, um enunciado extremamente forte, dividindo-se entre uma organização (buscando achar semelhanças da iconização pop da figura do Che e do processo análogo ocorrido com Bin Laden) e desorganização (simplificando grosseiramente a compreensão desses indivíduos, comparando um revolucionário comunista com um fanático religioso de extrema direita). Para Arbex, a direita, representada no caso pela revista *Veja*, se utiliza de várias táticas para desnaturalizar o Che Guevara, ora transformando-o em moda, em estampa de pôster e de biquínis ou transformando-o “num maluco que é o Osama Bin Laden, um homem de extrema direita, resultado da CIA.”<sup>xiv</sup>

### *Revista CartaCapital*

De acordo com os três entrevistados, a revista *CartaCapital* apresentou uma cobertura em registros narrativos, gráficos e imagéticos opostos aos das outras revistas selecionadas.

Claramente é possível distingui-la pelo uso das cores. A presença do azul claro no fundo é menos assustadora; o uso do vermelho se dá na segunda parte das manchetes em que são apresentados os nomes dos pensadores entrevistados para propor um debate sobre o que mudará na geopolítica mundial.

A foto da explosão não é uma e sim uma vista panorâmica, ainda que momento da explosão. O uso da imagem focalizada nos prédios centralizada, da cidade no fotografia em preto e branco não ameaça o conjunto com sensacionalismo – a revista, por meio da própria imagem – propõe um tempo de reflexão, reafirmado na própria manchete “Ataque ao Império. O mundo mudou.”



O discurso narrativo se divide nas vozes dos entrevistados ou dos autores dos textos trazidos pela revista, elaborados em primeira pessoa, ou claramente autorais. De

acordo com Barros, o distanciamento na narrativa, dado pelo uso da primeira pessoa, torna-a objetivamente opinativa, fruto subjetivo do discurso do autor. (BARROS, 2003, 57)

Para Cytrynowicz, a *CartaCapital* propõe através de artigos e opiniões dissonantes uma maior compreensão dos atentados; não é estabelecida uma verdade discursiva e sim várias vertentes de opinião que levam a um debate não-relativista sobre os atentados. Para Arbex, há uma maior contextualização histórica dos fatos, não optando a revista pela versão de Huntington. Os três entrevistados afirmaram que as revistas *Veja* e *CartaCapital* atuam em registros opostos.

Logo na primeira página da introdução aos textos, o enunciador de *CartaCapital* afirma na legenda da foto de Osama Bin Laden: “Corvo. Ex-aliado, Bin Laden ocupa agora o posto de inimigo número 1 do império americano” e mesmo se utilizando de infográficos, o foco é outro, como por exemplo em: “A estrutura do capital que sustenta o terror segue o modelo empresarial. Passa por companhias de fachada, diversifica os negócios e recebe privilégios do Estado em inusitado programa de privatização.”

O uso das fotografias também é bastante dissonante relação às outras três revistas. Não há imagens de mortes, explosões, de rostos chorando, ou de figuras do mundo muçulmano, árabe e afegão. No lugar dessas imagens sensacionalistas são apresentadas fotos de personagens históricos contemporâneos, além do Bin Laden e do Bush, como por exemplo, do basbug Tuerkes, do jovem Rahman, “um dos alvos do plano Bush”<sup>xv</sup>, do agente federal, coordenador do FBI, Louis Freedman, etc.

Na segunda parte da edição especial são apresentados artigos e entrevistas com pontos de vistas dissonantes e discordantes, admitindo diferentes vozes que irão dialogar com o leitor que então formará a sua opinião sobre o assunto. O efeito é mais analítico e menos dirigido que nas outras revistas, como por exemplo: “Para John Parachini, os EUA se mostram vulneráveis. Chegou a hora de revidar em todas as frentes”, defendendo o uso militar em forças tarefas contra-terroristas. E de outro lado, por exemplo, no artigo de Noam Chomsky: “Os EUA apertaram o botão antes. Esta não é uma guerra da democracia contra o terrorismo. É também dos mísseis americanos”, condenando a ação do governo e do capital norte-americano e explanando a atuação do grupo de Bin Laden.

*Mundo árabe e imagens recorrentes*

Entender o mundo árabe é, antes de tudo, separá-lo da religião muçulmana. Compreender a religião muçulmana é evitar os preconceitos que lhes são sustentados, especialmente pela mídia semanal brasileira e seus equívocos históricos.

As revistas *Veja*, *Época* e *Istoé*, como já mencionadas anteriormente, fazem amplo uso de imagens para ilustrar o Oriente como um mundo estranho ao Ocidente; a “mulher de véu” e os homens em peregrinação à Meca são figurações próprias de suas culturas, entretanto, nesse uso indiscriminado e descontextualizado do percurso narrativo, assumem as formas do “estranho indesejado”. As fotografias dos homens rezando são colocados como figuras do fanatismo religioso, não lhes sendo atribuída uma história ou uma explanação, construindo o sentido de irracionalismo e fanatismo.

A peregrinação à Meca e as orações fazem parte da estrutura da religião islâmica, assim como os católicos fazem a comunhão, os judeus celebram o shabbath e os jejuns que lhes são atribuídos; em suma, tratam-se de costumes próprios que vêm de uma tradição, no caso do Islã, de 14 séculos atrás. Fazem parte de ritos celebrados pela religião e que não são necessariamente sinônimos de fanatismo; eles existem como parte de um grande texto historicamente construído, e não são imagens, como as apresentadas pelas revistas, descontextualizadas de um todo maior. Quando expostas sem uma apresentação são passíveis de sanção e apontadas como produto do irracionalismo e do estranho, de algo distante do leitor, mesmo que a religião islâmica no Brasil, embora modesta, tenha cerca de 1,5 milhões de seguidores.

A outra imagem bastante utilizada pelas revistas selecionadas é a da mulher de véu, a mulher de xador e a da mulher de burca. Primeiramente, elas são apresentadas como iguais, entretanto, a burca (traje que cobre todo o corpo feminino em que há “uma redinha” na região dos olhos) é uma veste tradicional de uma tribo afegã, os Pashtuns e foi utilizada durante muitos anos no Afeganistão por determinação do regime radical Taleban. O xador é o traje que também cobre todo o corpo da mulher, com exceção dos olhos e é bastante utilizado em muitas nações islâmicas, como no Irã e na Arábia Saudita. Já o véu é algo disseminado pelo mundo islâmico e que em alguns países é tratado como obrigatório e em outros não. O véu tem suas origens anteriores ao islamismo e já fazia parte de muitas tribos na era de pré-unificação dos países árabes. Com a formação das nações islâmicas no século VII, essa vestimenta se difundiu e foi apropriada pela religião.

Esses três trajes não são preceitos religiosos, mas foram atribuídos há séculos atrás, por diversos regimes ao islamismo e transformaram-se em símbolo de



identificação do mesmo. Traçando novamente um paralelo com outras religiões, a burca e o véu fazem parte de um conjunto de vestimentas, como no judaísmo se utiliza o kipá, as freiras católicas utilizam o hábito, muitas mulheres evangélicas não cortam os cabelos e usam saias abaixo dos joelhos – são elementos próprios de cada religião.

Entretanto, essas fotografias são sempre utilizadas como símbolos de repressão da mulher e, embora essa questão provoque inúmeros debates entre pesquisadores, não são apresentadas suas origens, e não existem reflexões propostas sobre que tipo de repressão as mulheres islâmicas sofrem; se elas as sofrem, até que ponto são diferentes das repressões sofridas pelas mulheres ocidentais?

A utilização de fotografias sem essa base teórica dirige o percurso narrativo proposto pelas revistas na direção de construir o Outro islâmico como aquele que não é reconhecido pelo ocidental: ele é atrasado e repressor, e portanto, é, de acordo com as revistas, justificável que sejam combatidos. Está nesse irracionalismo dominado pela religião fanática a causa do terrorismo. A generalização imprópria do grupo saudita de Bin Laden como toda a nação islâmica e ainda, a árabe, persa e afegã, é apoiada pelas fotografias sem explicações que corroboram para a teoria de Huntington, na qual o diálogo com esse Outro não-ocidental não é possível, pois suas práticas mais íntimas (como as vestimentas, por exemplo) são muito diferentes do ocidente, e logo não podem ser compreendidas e admitidas.

Como parte do projeto central que engloba esse trabalho, a construção de um leitor infiel, no caso das reportagens aqui selecionadas, é necessário compreender em que bases conceituais se sustenta a mídia semanal brasileira e seu olhar sobre a civilização árabe e sobre a religião islâmica.

Para Isabelli Somma é necessário descaracterizar e “desnaturalizar a imagem fixa criada pelo e no mundo ocidental; o Islã é arte, o Islã é música, muitas outras coisas diferentes e importantes de serem reconhecidas e pautadas no jornalismo brasileiro.”<sup>xvi</sup>

De acordo com Arantes (2005,78), os países islâmicos não superaram o trauma das inferências imperiais a que foram submetidos, ora pelo Império Otomano, ora pelo Mughal, que em diversas ocasiões e com diversos regimes políticos instauraram uma ocidentalização desenfreada, como por exemplo, durante a fase colonialista, em que houve um confronto entre a nova-metrópole que surgiu e as indústrias artesanais, formando uma “classe média ‘nativa’ subserviente (...) que minava a auto-imagem das sociedades tradicionais.”<sup>xvii</sup>



A mídia semanal brasileira (especialmente as revistas *Veja*, *Época* e *Istoé*) se utilizam de figurativizações simples e muitas vezes, amparadas por clichês, unindo o Islã ao mundo árabe e equiparando os árabes aos persas, aos afegãos e aos turcos, sem discriminar suas histórias e consultando fontes que contribuem para a construção do terror como algo naturalizado e inerente a essas civilizações, apagando a história global da política e geografia que compreendem essas nações.

Entender Bin Laden e Al-Qaeda é reconhecê-lo enquanto um indivíduo de extrema-direita, outrora apoiado pelo governo norte-americano, e perceber, através de pesquisas e entrevistas com fontes da área (cultura e história oriental), como é a vida das pessoas que habitam nessas civilizações, compreender as suas religiões e práticas culturais. É fundamental que se desenvolva uma atuação na mídia para readmitir novas visões sobre o Oriente, desfazendo os preconceitos apontados, e quem sabe, perceber que existem traços muito comuns e próximos entre essas nações constantemente demonizadas com os outros países do globo.

### Referências bibliográficas

ARANTES, José Tadeu. **O maior perigo do Islã: não conhecê-lo**. 1. ed. São Paulo: Mostarda editora, Terceiro Nome editora, 2005

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

PRADO, José Luiz Aidar. **A construção semiótica da violência em Veja: por uma ética da não fidelidade do leitor**. de Signis, Barcelona, v. 1, n. 2, p. 259-272, 2002.

---

<sup>i</sup> Wikipedia – enciclopédia livre – [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

<sup>ii</sup> Grifo meu.

<sup>iii</sup> Guimarães, Luciano. In. “A cor como informação” (2001), p.129

<sup>iv</sup> Legenda da foto intitulada “A guerra santa: um grupo de palestinos exhibe armas e o Corão.”

<sup>v</sup> Revista *Veja*, 19/09/01, p. 83

<sup>vi</sup> Entrevista gravada com o historiador Roney Cytrynowicz, no dia 17 de Dezembro de 2005 – PUCSP.

<sup>vii</sup> Idem.

<sup>viii</sup> Idem.

<sup>ix</sup> Prado, José Luiz Aidar. “A construção semiótica da violência em *Veja*: Por uma ética da não fidelidade do leitor”

<sup>x</sup> Ambas as fotos tem suas cores “enaltecidas” por uso de computador, fazendo a imagem ficar mais títul e próxima do leitor.

<sup>xi</sup> Entrevista com o jornalista José Arbex Jr gravada no dia 19 de Dezembro de 2005 - PUCSP

<sup>xii</sup> Idem.

<sup>xiii</sup> Entrevista com o jornalista José Arbex Jr gravada no dia 19 de Dezembro de 2005 - PUCSP

<sup>xiv</sup> Idem.

<sup>xv</sup> Revista *CartaCapital*, 19 de Setembro de 2001, págs.16 a 23.

<sup>xvi</sup> Entrevista com a jornalista Isabelli Somma - PUCSP

<sup>xvii</sup> Arantes, José T. “O maior perigo do Islã: não conhecê-lo”, ps.77 a 80.